

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição

UMBIGO DO RECÔNCAVO

Tradições culturais na Bahia

CAMILLA SOUZA





O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.



UMBIGO DO RECÔNCAVO: TRADIÇÕES CULTURAIS NA BAHIA

É inegável a importância histórica que a região do Recôncavo tem para a Bahia e para a História do Brasil, sendo “um dos espaços mais antigos no processo de ocupação do território brasileiro; o mesmo configurou – por muito tempo – a hegemonia produtiva da colônia, representada pela atividade açucareira, delimitando um nordeste economicamente rico”. [1]

Ainda hoje, o Recôncavo Baiano preserva em seu território de identidade uma riqueza marcada pela pluralidade cultural, pelo misto de tradições e manifestações que perpassaram as gerações ao longo dos séculos. A religiosidade, o misto entre o sagrado e o profano, as festividades, celebrações, os ritos e as manifestações seguem se reinventando, porém, preservando sua mais rica identidade.

Documentar o Recôncavo é, sobretudo, imergir num universo ancestral, que persiste e resiste cotidianamente.

É preservar um patrimônio diverso em significado, e de uma singularidade ímpar, que se justifica em seu povo, principal detentor e mantenedor da sua significação.

As tradições que persistem e se mantêm em cores, gestos, olhares e movimentos permitem-se congelar a partir de uma ótica subjetiva, uma visão que parte de si mesma, enquanto pertencente àquele lugar, e que, ao desbravar a vida ao redor, descobre-se a si mesma, enquanto filha do Recôncavo, pertencente a este lugar. Pois, como canta o também filho do Recôncavo Caetano Veloso: “Quem não é Recôncavo e nem pode ser reconvexo”.

As vivências do Recôncavo fazem-se sentir e perceber em qualquer canto do mundo. A singularidade que pulsa é reconhecida por ser única, e, ao mesmo tempo, por preservar tanto de tantos lugares: dos povos originários indígenas, europeus e africanos, que, em confluência, tornaram essa terra o que é.

[1] ARAÚJO, 2010, p. 01 apud SANTOS ; SERPA, 2015, p. 75-97.

NEGO FUGIDO DE ACUPE

Expressão popular de cultura realizada pelos pescadores da comunidade quilombola de Acupe — da cidade de Santo Amaro da Purificação/BA —, que há mais de um século narra a saga dos negros escravizados que, em batalha, subjagam o rei de Portugal e exigem do monarca a carta de alforria. Uma encenação de reparação histórica que coloca os negros como protagonistas da conquista da Abolição da Escravatura.

As aparições acontecem nos quatro domingos do mês de julho, em meio a um coletivo de expressões culturais de temáticas quilombolas, como Samba de Roda, rodas de Capoeira e aparições de Caretas, Mandus e Bombachos. Como um teatro de rua, os participantes saem às ruas recriando as lutas e tentativas de fuga que caracterizaram o período da escravidão. Em cada domingo, acontece um ato específico, culminando no último, com a “prisão do rei”.

As aparições de Acupe são elementos simbólicos fundamentais na identificação do Recôncavo Baiano como local que possui um passado marcado pelo processo de escravidão de populações africanas, consolidadas como um dos principais eventos de identidade de matriz afro-brasileira da Bahia, com potencial de dinamizar os saberes das comunidades tradicionais e promover discussões pertinentes à sociedade brasileira.



Nego fugido resiste
Acupe, Santo Amaro
Bahia



Crias de Acupe
Acupe, Santo Amaro
Bahia
2019



Benção

Acupe, Santo Amaro

Bahia

2019



Nego Fugido de Acupe

Acupe, Santo Amaro

Bahia

2019



Tradição de pai para filho

Acupe, Santo Amaro

Bahia

2019

BEMBÉ DO MERCADO

O Bembé do Mercado é uma manifestação religiosa que comemora o 13 de Maio. Ao tomarem conhecimento da Abolição da Escravatura, os escravos daquela região comemoraram a liberdade dos escravos junto à população negra já liberta e simpatizantes. Segundo a história oral contada pelos santamarenses e reafirmada pelos participantes do evento, no dia 13 de maio de 1889, um africano de origem Malê conhecido por João Obá saiu às ruas juntamente com seus filhos de santo para comemorar a Abolição. Nesse ano foi armado no Largo do Xaréu um grande caramanchão, coberto com palha, e por três dias foi realizado um grande candomblé que culminou com a entrega de um presente à Mãe d'Água.



**Bembé do Mercado
águas**
Santo Amaro
Bahia



O Bembé
Santo Amaro
Bahia
2018



Entre gerações
Santo Amaro
Bahia
2018



Ancestral
Santo Amaro
Bahia
2018

FESTA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Considerada uma das mais antigas irmandades do País, a Irmandade da Boa Morte é símbolo de fé, devoção e resistência. Fundada no século XIX, sua história começa em Salvador, nas proximidades da Barroquinha, mas foi em Cachoeira que fincou suas raízes. Sua sede atual, inaugurada em 1995, fica localizada na Rua 13 de Maio, bem no centro de Cachoeira. A Irmandade segue firme até os dias de hoje, mantendo suas tradições e servindo de referência para movimentos ativistas de mulheres negras.

Apesar de existir certa escassez de documentos sobre a fundação da Irmandade, pesquisas apontam que ela surgiu por volta de 1820 nas imediações da Barroquinha. Mas, por conta da política higienista e de urbanização, que através do discurso e prática racistas varria a população negra para os morros e regiões mais afastadas de Salvador, além da proibição dos cultos africanos, as irmãs da Boa Morte mudaram-se para Cachoeira por volta de 1850, onde se estabeleceram permanentemente. A época foi considerada propícia, já que a Vila de Cachoeira vivia um período de efervescência da economia açucareira.

De acordo com o pesquisador Armando de Castro, a Irmandade fixou-se numa residência na atual Rua Ana Nery nº 41, que mais tarde ficou conhecida como Casa Estrela. Não é difícil entender o porquê: em frente à porta de entrada, há uma estrela desenhada em granito na calçada. Algumas versões apontam que a estrela foi colocada

ali para representar o estabelecimento da Irmandade. Outros, porém, defendem que a estrela já estava ali antes da chegada das irmãs, quando ainda era habitada pelos primeiros donos da Padaria Estrela, localizada próximo à casa. Além de ser a sede da Irmandade, a Casa Estrela também funcionava como um terreiro disseminador das práticas do Candomblé pelo Recôncavo. Foi lá que foram iniciadas as primeiras filhas de santo do terreiro Zoogodô Bogum Malê Seja Undê (Roça do Ventura).

Não há muitas informações sobre as mulheres fundadoras da Irmandade. Segundo João José Reis, “há informações no sentido de as primeiras irmãs terem sido africanas alforriadas – predominância da nação Ketu, que detinham relativa condição financeira e, por tal, logo foram apelidadas de negras do partido alto”. Além de preservarem o culto às religiões de matriz africana, embora com uma forte relação de sincretismo religioso com o catolicismo, as integrantes também eram responsáveis pela compra de cartas de alforria de negras e negros escravizados. Tudo isso somado fez com que sofressem muita perseguição tanto do clero quanto do governo.

Desde a fundação da Irmandade, foram estabelecidas regras para participação. Era preciso que as integrantes tivessem idade superior a 40 anos, além, é claro de serem candomblecistas. Outro fator observado era a existência de laços de parentesco com uma irmã mais antiga.

Atualmente, esse último requisito não é mais levado em conta. Dentro da organização, a hierarquia é bastante respeitada. São as irmãs mais velhas que detêm o conhecimento dos segredos da Irmandade, além de serem as responsáveis por repassá-los às iniciadas. Existem os seguintes cargos: irmãs, tesoureira, provedora, procuradora-geral, escritã e juíza perpétua, todos eles decididos em uma eleição que acontece anualmente no mês de setembro. Há ainda as irmãs de bolsa, aquelas que estão em fase de observação e que têm a função de ajudar as outras irmãs em suas atribuições.

Durante muitos anos, as irmãs arcavam com as despesas para a manutenção da Irmandade e realização dos festejos por conta própria, sem ajuda dos poderes públicos. O pequeno número de integrantes fazia com que enfrentassem muitas dificuldades. Nas décadas de 1960 e 1970, por exemplo, elas atravessaram o pior período de crise e quase tiveram que fechar as portas da Irmandade para sempre. Em 18 de janeiro de 1971, porém, quando Cachoeira tornou-se Monumento Nacional, a Irmandade da Boa Morte passou a ter o auxílio necessário para sua revitalização.

O momento de maior prestígio e visibilidade da Irmandade acontece no mês de agosto, com a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Sempre entre os dias 13 e 17 de agosto, as celebrações atraem visitantes de diversas partes do mundo. No primeiro dia, as irmãs vestem-se de branco e saem em procissão, carregando a imagem postada sobre um andor rumo à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. No dia 14, com a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, as irmãs saem da sede da Irmandade em procissão noturna, carregando velas, entoando cânticos proferidos durante o percurso, fazendo menção à

dormição de Nossa Senhora. O dia 15 de agosto é dedicado a Nossa Senhora da Glória, quando comemoram a Ascensão de Maria. A procissão sai pela manhã da sede da Irmandade, seguida pelas filarmônicas locais. Levam flores, carregam o andor de Nossa Senhora da Glória até a Igreja Matriz, onde uma missa é celebrada. O dia também é reservado para a transferência dos cargos, com posse da nova comissão de festa. A festa vai até o dia 17, com a apresentação de grupos de samba de roda e distribuição de comida farta para todo o público.

Referência:

CASTRO, A. A. C. A irmandade da Boa Morte: Memória, intervenção e turistização da festa em Cachoeira-BA. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Cultura & Turismo) – Parceria UESC/UFBA, Ilhéus, 2005.



Pluralidade

Cachoeira

Bahia

2018



Ancestralidade

Cachoeira

Bahia

2019



Singular
Cachoeira
Bahia
2019



Cortejo de Irmãs

Cachoeira

Bahia

2018



Cortejo da Irmandade

Cachoeira

Bahia

2018

FESTA DO BONFIM

A Festa do Senhor do Bonfim, em Muritiba, é uma das manifestações culturais mais ricas e significativas da cidade. É constituída por duas partes distintas: a parte religiosa (fé) — organizada pelo padre da cidade e por uma comissão de festas responsável pela execução do novenário, missa festiva, missas penitenciais e procissões —; e a parte da rua (folia) — organizada pelo poder público municipal e composta por bandeira, pregão, cortejos, lavagens, manifestações culturais, atrações musicais, barracas de largo e parque de diversões.

Referência:

DA SILVA, Aislân Damacena Souza. Fé, Folia e Recôncavo: Reflexões a partir das transformações temporais e espaciais na Festa do Senhor do Bonfim de Muritiba/BA. <http://anais.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/8473>



Devoção ao Bonfim

Muritiba

Bahia

2018



Purificar
Muritiba
Bahia
2018



Banhar em fé

Muritiba

Bahia

2018

FESTA DA PURIFICAÇÃO

Realizada desde o século XVIII, na cidade de Santo Amaro, localizada a 71 quilômetros de Salvador, a festa reúne o profano e o sagrado. Vai de 23 de janeiro a 2 de fevereiro. Os fiéis realizam uma novena, e o ponto alto da festa é a lavagem da Igreja Matriz. A homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora da Purificação, tem intensa programação religiosa e musical. A Lavagem da Purificação, realizada no domingo, inicia seus preparativos às 9h, com concentração em frente à casa da família Velloso, na Rua do Amparo, de onde o cortejo segue até a igreja.

Baianas, charangas, grupos folclóricos e devotos se unem em um ato de cultura, devoção e história. Vestidas com trajes típicos, as baianas lavam as escadarias do templo com água de cheiro. Logo após o ritual, percorrem as principais ruas da cidade, junto com os fiéis.



Lavagem da Purificação

Santo Amaro

Bahia

2020



Protegida
Santo Amaro
Bahia
2020



Purificação
Santo Amaro
Bahia
2020

FESTA DE IEMANJÁ ENCONTRO DAS ÁGUAS

As atividades que antecedem a saída das embarcações são concentradas na área do cais do Porto de Cachoeira, onde é armado um toldo para os balaios com as oferendas.

Na pista do palco, na Feira do Porto, é armado um barracão de madeira e palha para a realização da cerimônia do xirê (roda de cântico para os orixás), que é o momento de saudações a todos os orixás do panteão africano.

A festa inicia-se com a feira do axé, em seguida com o xirê. Depois os adeptos saem em cortejo para os cais do porto, seguindo em embarcações e levando as oferendas para as águas. Os presentes para Iemanjá são depositados em balaios, e todas as pessoas que queiram homenagear a Rainha das Águas também podem fazer suas ofertas.

Referência:

<https://1library.org/article/descr%C3%A7%C3%A3o-da-festa-de-iemanj%C3%A1-encowntro-das-%C3%A1guas.q2nd34pe>



Ao encontro das águas

Cachoeira

Bahia

2018

CACHOEIRA: CIDADE HEROICA E MONUMENTO NACIONAL

Por Fábio Batista Pereira*

Em 1971, Cachoeira recebeu o título de Cidade Monumento Nacional, em reconhecimento ao seu valioso conjunto arquitetônico. Lugar de tradição e efervescente cultura popular, nesses séculos de história, Cachoeira se consolidou como uma espécie de Porto Cultural do Recôncavo Baiano a transportar quem a visite em uma verdadeira viagem ao longo do tempo através dos velhos trilhos da estrada de ferro, pelas ruas antigas e em seus casarões e edificações.

Vamos juntos andar por esses trilhos e ruas!

A Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, fundada em 1698, no Recôncavo Baiano, desempenhou importante papel ao longo da História do Brasil Colônia e Império, quando a riqueza proveniente da lavoura da cana-de-açúcar, da produção do tabaco e do seu porto fluvial – cujo movimento era superado apenas pela zona portuária de Salvador – lhe garantiu um lugar de destaque.

Em toda Kirimurê – nome dado pelos Tupinambás à Baía de Todos os Santos – foram travadas inúmeras batalhas durante o processo de conquista e exploração do território. A Civilização Tupinambá resistiu ao domínio português e, embora tenha pagado um alto preço pela sua resistência, sendo completamente dizimada na região, será sempre necessário lembrar a sua história como forma de manter vivas as lutas dos povos indígenas, atualizadas no presente. Nesse sentido, em Catarina Paraguaçu está guardado

um símbolo de ancestralidade, mas além dessa simbologia, as mais de 300 etnias que lutam pelos seus direitos em diferentes lugares do território brasileiro, hodiernamente.

Em 25 de junho de 1822, quando as disputas entre a Coroa Portuguesa e a colônia brasileira avançavam para um futuro incerto, a Casa de Câmara e Cadeia da então Vila de Nossa Senhora da Cachoeira antecipou o Grito do Ipiranga (7 de setembro de 1822) ao reconhecer D. Pedro I como Imperador e Defensor Perpétuo do Brasil, o que significou a ruptura imediata com as Cortes Portuguesas.

Tamanha ousadia não poderia passar despercebida pelas autoridades portuguesas que logo enviaram uma canhoneira (espécie de embarcação de guerra) para proteger os interesses lusitanos na vila mais próspera da Província da Bahia. O conflito tornou-se inevitável e durou até o dia 2 de julho de 1823, com a deposição das armas pelos portugueses: Cachoeira foi sede do governo [1] provisório durante os meses de conflito, contribuindo com alimento, armas e vidas, conforme exaltado no hino da cidade:

**“Revivei, terra heroica e fremente!
Que com sangue, denodo e vanglória,
Escrevestes teu nome eloquente
Nos anais de ouro supremo da História
Exaltemos nossa terra, sempre forte e varonil,
Legionária de uma guerra que engrandecera o Brasil” [2].**

Em 13 de março de 1837, foi elevada à categoria de cidade com o título de Cidade Heroica, constituindo, assim, uma significativa rede urbana ao longo do século XIX e primeira metade do século XX, como escreveu o grande geógrafo Milton Santos: “Isso dava a Cachoeira um grande raio de influência, confirmando assim, a importância com que já

contava antes da ferrovia (...) como a principal sede de partida e chegada do maior tráfego comercial da Província da Bahia.”

Desde o início da colonização, o trabalho escravo se impôs e consumiu a vida de milhões de pessoas. Assim, o “colono preto” deve ser entendido como um fator de civilização, como sugere Manuel Quirino em importante estudo sobre o tema. Os versos de Castro Alves, poeta nascido no Recôncavo Baiano, denunciam essas agruras:

**Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!**

Nesse contexto do trabalho escravo, houve resistência, e assim se constituíram as comunidades remanescentes de quilombo da Bacia do Iguape: Kaonge, Kalolé, Kaimbongo Velho, Kalolé, Dendê, Imbiara, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho da Vitória, Tombo, Engenho Novo, Engenho da Cruz, Brejo. Nas lutas abolicionistas se destacou Tranquilino Bastos, o semeador de filarmônicas: Salve a Lira Ceciliania, a Minerva Cachoeirana e a Filarmônica 25 de Junho.

Atualmente, como polo turístico com um rico calendário movimentado pelas tradicionais festas populares e eventos culturais (como a Festa de Iemanjá, o São João, o São Pedro do Iguape, Festa da Boa Morte, Festa da Ajuda, Flica – Festa Literária Internacional); os ares de cidade universitária, em decorrência da Universidade Federal do

Recôncavo Baiano e da Faculdade Adventista da Bahia (Distrito de Capoeiruçu); com a presença de equipamentos culturais importantes como o Museu da Ordem Terceira do Carmo, O Museu do Iphan, a Fundação Hansen Bahia, o Cine Theatro Cachoeirano, a Casa Paulo Dias Adorno, a Casa do Samba de D. Dalva, os seus artistas, a culinária e a cultura imanente do seu povo, Cachoeira é considerada um Porto Cultural do Recôncavo Baiano.

[1] A partir do ano de 2007 através da Lei Estadual 10695, Cachoeira torna-se simbolicamente a capital do Estado da Bahia, no dia 25 de junho, em homenagem e reconhecimento ao importante papel desempenhado no curso da Independência do Brasil.

[2] Letra de Sabino de Campos – Música do Maestro Manoel Tranquilino Bastos.

*Graduação em História-UEFS. Mestrado em História-UFRB.



Para quem é de Axé

Cachoeira

Bahia

2018



O xirê

Cachoeira

Bahia

2019

FESTA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA

Uma das primeiras construções da Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, a Capela de Nossa Senhora d'Ajuda está localizada no Centro Histórico, no Largo d'Ajuda, num dos cumes da cidade. Para chegar até ela, existem três vias de acesso. No mês de novembro, a capela ocupa o lugar central na Festa de Nossa Senhora d'Ajuda, um dos festejos mais populares da Bahia e registrado em 2017 como Patrimônio Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac). A programação dura quase um mês e conta com missas, procissão, lavagem e embalos com charangas e foliões fantasiados.

A capela foi erguida entre os anos de 1595 e 1606, ainda nos primeiros anos da ocupação portuguesa, pelo capitão Álvaro Celestino Adorno. Consagrada a Nossa Senhora do Rosário, foi reedificada em 1673 por ordens do bisneto de Álvaro, João Rodrigues Adorno. No ano seguinte, foi elevada a matriz. Porém, logo após a construção da atual Igreja Matriz, localizada na Rua Ana Néry, a capela foi entregue à confraria de São Pedro dos Clérigos. Porém, quando a confraria foi extinta, a ermida foi relegada ao abandono. Só voltou a sediar atividades religiosas em 1872, quando músicos cachoeiranos fundaram a Irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda. Segundo o historiador Cacau Nascimento, datam desse ano as primeiras documentações sobre as manifestações populares em torno da capela, onde começaram a se instituir comissões de organização de missa, procissão, festa, arrecadação de fundos, etc.

Inicialmente, cada dia festivo, cada missa, era dedicado a um grupo social diferente. Logo após a celebração religiosa, os membros saíam desfilando pela cidade em forma de ternos, seguidos por uma fanfarra.

A principal característica da Festa d'Ajuda até os dias de hoje é sua massiva participação popular. Durante os dias dos ternos e embalos, as ruas que fazem parte do roteiro ficam lotadas. Mas todo esse envolvimento aconteceu de forma inusitada. A capela era lavada por escravos e ex-escravos, que saíam às ruas de madrugada com latões para buscar água nos riachos Caquende e Pitanga. Durante o percurso, iam batucando e entoando cantigas, para acordar os companheiros. Eram eles também que iam buscar lenha para fogueiras usadas para iluminar as ruas durante os festejos, já que naquela época ainda não havia iluminação pública. De início, essas manifestações tinham que ser feitas sempre à noite, pois qualquer atividade abolicionista ou realizada por negros era proibida pela Lei Belle Époque, instituída em 1905. Quando a lei foi revogada, em 1930, comerciantes cachoeiranos buscaram incentivar os chamados "levadores".

Referências:

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3205/capela-de-nossa-senhora-da-ajuda-em-cachoeira-ba-e-reaberta-apos-restauracao>

<https://www3.ufrb.edu.br/reverso/origem-da-festa-dajuda-possui-marcas-historicas-do-seculo-xix/>



O terno na rua

Cachoeira

Bahia

2019



Terno do Acarajé
Cachoeira
Bahia
2019



Dalva Damiana

Cachoeira

Bahia

2019



Agradecer a Nossa Senhora

Cachoeira

Bahia

2019



CAMILLA SOUZA

Nascida e criada em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, Camilla Souza se interessa, desde a infância, pelas tradições, manifestações e riquezas culturais da cidade natal. Em 2013, passou a demonstrar esse interesse por meio da fotografia, quando começou a retratar e documentar festas tradicionais, eventos, o acervo arquitetônico, paisagens naturais e, especialmente, o povo cachoeirano.

Em 2014, ingressou no curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), quando foi apresentada a um conhecimento mais efetivo, teórico e prático, da Comunicação e suas múltiplas linguagens (o fotojornalismo entre elas). Durante o curso, aumentou também seu portfólio fotográfico, participando anualmente de manifestações como a Festa de Iemanjá, Festa da Boa Morte, São João Feira do

Porto, Festa Literária Internacional de Cachoeira e Festa d’Ajuda, e mantendo o constante registro do cotidiano cachoeirano.

Em 2018, concluiu a graduação com a realização do livro-reportagem *Histórias Anônimas – Vidas Cachoeiranas* como Trabalho de Conclusão de Curso, que culminou em duas publicações em 2021. Atualmente, é mestranda em Comunicação também pela UFRB.

Camilla Souza passou também a expandir seu olhar para outras cidades do Recôncavo Baiano, com o registro de manifestações culturais de Santo Amaro da Purificação, Saubara, São Félix, Maragogipe e Muritiba, ressaltando a riqueza e a pluralidade desse território identitário da Bahia.

UMBIGO DO RECÔNCAVO

Visitação de 30 de maio a 23 de junho de 2022, segunda a sexta, das 9h às 17h

Espaço do Servidor | Anexo II | Câmara dos Deputados

Câmara dos Deputados | Mesa Diretora da Câmara dos Deputados PRESIDENTE Arthur Lira (PP/AL) | 1º VICE-PRESIDENTE Lincoln Portela (PL-MG) | 2º VICE-PRESIDENTE André de Paula (PSD/PE) | 1º SECRETÁRIO Luciano Bivar (UNIÃO/PE) | 2º Secretário Odair Cunha (PT-MG) | 3ª SECRETÁRIA Geovânia de Sá (PSDB/SC) | 4ª SECRETÁRIA Rosangela Gomes (REPUBLICANOS/RJ) | SUPLENTEs Eduardo Bismarck (PDT/CE), Gilberto Nascimento (PSC/SP), Alexandre Leite (UNIÃO/SP), Cássio Andrade (PSB/PA)

Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL Acácio Favacho (PROS/AP) | SECRETÁRIO DE PARTICIPAÇÃO, INTERAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Alex Santana (PDT/BA) | DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS Luís Otávio Veríssimo Teixeira | COORDENAÇÃO DE EVENTOS, CERIMONIAL E CULTURA Frederico Fonseca de Almeida | COORDENAÇÃO DO PROJETO Isabel Flecha de Lima, Cláuder Diniz | PRODUÇÃO E REVISÃO Maria Amélia Elói | PROJETO GRÁFICO Rafael Botelho e Bruna Lima | MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO André Ventorim, Edson Caetano, Paulo Titula, Wendel Fontenele | MATERIAL GRÁFICO Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Contato da artista

Camilla Souza
(75) 99212-9983
camillasouza.ascom@gmail.com

Informações: 0800 0 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados – Anexo 1 – Sala 1601
CEP 70160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, maio de 2022.

